



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

CÍNTIA MACHADO DUTRA

**REQUALIFICAÇÃO DO MUSEU AUGUSTO CASAGRANDE
EM CRICIÚMA - SC**

Dezembro de 2013

CÍNTIA MACHADO DUTRA

REQUALIFICAÇÃO DO MUSEU AUGUSTO CASAGRANDE
EM CRICIÚMA - SC

Trabalho de Conclusão II, na 10ª fase do curso de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade do
Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Orientador: Prof. Arq. Me. Evandro de Andrade

Criciúma, dezembro de 2013

CÍNTIA MACHADO DUTRA

REQUALIFICAÇÃO DO MUSEU AUGUSTO CASAGRANDE
EM CRICIÚMA - SC

Trabalho apresentado no curso de Arquitetura e Urbanismo da UNESC, como
requisito básico para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a
orientação do arquiteto e professor Evandro de Andrade.

Dia 10 de dezembro de 2013 às 16:10 horas no Ateliê Central do curso de Arquitetura e
Urbanismo da UNESC.

Banca examinadora composta pelos professores:

Arquiteta Stela Maris Ruppenthal

Arquiteto Nelson Ricardo Prohmann

Arquiteto(a) convidado(a) - Membro externo

1.1 TEMA

Requalificação do Museu Augusto Casagrande em Criciúma - SC.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Requalificação do Museu Augusto Casagrande, propondo um anexo com o objetivo de suprir as necessidades de infra-estrutura, apoio e expositivas.

02 PROBLEMATIZAÇÃO

O Museu Histórico e Geográfico Augusto Casagrande, localizado no bairro Comerciário, é o único museu da cidade e uma das poucas edificações tombadas caracterizada como patrimônio histórico arquitetônico. Devido à falta de políticas que valorizem o patrimônio cultural que possuímos, o museu é hoje mais um exemplo de descaso com as edificações históricas da cidade.

Desde a sua inauguração em 1980, já se sentia a falta de um anexo que suprisse as necessidades dos ambientes para depósito e tratamento do acervo, de administração assim como um espaço para exposições temporárias e parte de apoio aos funcionários. Todas essas atividades acontecem no interior da edificação histórica de apenas 80 metros quadrados e de forma precária, onde o acervo na reserva técnica é amontoado de forma indevida em uma pequena sala sem ventilação e os funcionários “emprestam” o banheiro existente para os visitantes que se situa na cozinha adaptada dentro do próprio museu.

Este também não apresenta nenhum tipo de acessibilidade, sendo que tanto o acesso para a edificação quando para o segundo pavimento se dão por meio de escadas.



Figura 1 - Copa do museu
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 2 - Copa e pia adaptada
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 3 - Administração
Fonte: Acervo Pessoal

Contudo, o problema de ampliação do museu esbarra em algumas questões técnicas e legais pertinentes a serem estudadas antes de se propor qualquer coisa.

Com relação à edificação histórica e seu entorno, é previsto no artigo 18 do Decreto-lei nº 25/1937, conhecido como a Lei do Tombamento, que, sem prévia autorização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:

“[...] não se poderá, na vizinhança da coisa tombada, fazer construção que lhe impeça ou reduza a visibilidade, nem nela colocar anúncios ou cartazes, sob pena de ser mandada destruir a obra ou retirar o objeto, impondo-se neste caso a multa de cinquenta por cento do valor do mesmo objeto. (BRASIL, 1937).”

Esta proteção ao imóvel traz uma outra discussão referente ao entorno da edificação que para ser colocada aqui, é interessante relembrar primeiramente sobre um princípio recorrente em cartas e convenções internacionais que é “O princípio da preservação *in situ* do bem cultural e a preservação do entorno” onde o artigo III da Carta de Atenas de 1931 recomenda:

“A Conferência recomenda que se respeite, na construção dos edifícios, o caráter e a fisionomia das cidades, sobretudo na vizinhança dos monumentos antigos, cujo enquadramento deve ser objeto de cuidados particulares. Devem mesmo ser preservados certos conjuntos e certas perspectivas especialmente pitorescas. (CARTA, 1931 apud MARCHESAN, 2013).”

Infelizmente, com o crescimento econômico da cidade nas décadas de 70 e 80, o incentivo do governo à construção de novos edifícios habitacionais na região do bairro comerciário fez justamente o contrário do que recomenda as cartas patrimoniais. O museu que outrora era chamado de casarão, por ser a única construção do entorno de dois pavimentos, passou a ser uma edificação diminuída em relação aos edifícios de 7 a 12 pavimentos ao seu redor, prejudicando a visibilidade do mesmo.



Figura 4 - Museu e Entorno
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 5 - Perspectiva da rua Cecília Darós Casagrande
Fonte: Acervo Pessoal

Depois das legislações que restringem, com razão, a construção de edificações próximas à imóveis tombados e a questão de o museu hoje estar enclausurado e sem relação com o seu entorno rodeado de edifícios altos, ainda há a questão da vegetação de grande porte existente em seu terreno e de um declive de seis metros de desnível desde a praça até o final do lote.

Não bastando, ainda há recomendações de ambientes básicos necessários para as atividades museológicas e exigências técnicas referentes à sua construção. De acordo com CHAGAS, NASCIMENTO JUNIOR, 2009, as instalações e os espaços do museu - especialmente no que se refere à edificação ou ao conjunto de edificações em que este está sediado -

estão diretamente relacionados à preservação das coleções, bem como ao bem-estar e à segurança do público e do corpo de funcionários da instituição. O estado geral de conservação do edifício e o bom funcionamento de seus diversos componentes são aspectos fundamentais na determinação da qualidade ambiental proporcionada às coleções e aos usuários.

As instalações devem ser adequadas para que o museu desenvolva as funções de pesquisar, conservar e comunicar, incluindo acomodações para o público e para os funcionários, levando em consideração também que o edifício, qualquer que seja seu estilo arquitetônico, tem ainda um papel importante como presença física e elemento simbólico no espaço urbano.

Feitas todas essas considerações, buscou-se neste trabalho respostas de como propor uma ampliação de forma a suprir as necessidades do museu, nos âmbitos funcionais, técnicos e espaciais sem que comprometa a visibilidade, a identidade e a estrutura de uma edificação histórica.



Figura 6 - Vista frontal da Praça Abelle Colle ao lado do museu
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 7 - Vista dos fundos da Praça Abelle Colle
Fonte: Acervo Pessoal

03 JUSTIFICATIVA

No ano de 2009 foram aprovadas no Senado Federal duas novas leis que reestruturaram as normas de administração de museus em todo o país. Entre as mudanças está a criação do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM (lei 11.906) e a colocação em prática do Estatuto de Museus (lei 11.904), que regulamenta e passa a reger o setor buscando a profissionalização e disciplina dessas instituições, assim como promover ações de valorização, modernização e ressignificação dos museus brasileiros.

A partir destas leis, foi definido que os museus terão cinco anos para se adequar às novas regras. Sendo assim, o museu Augusto Casagrande, como todos os outros, deverá ser adequado à estas normas tanto de administração como em sua estrutura física até o ano de 2014.

Entretanto, este trabalho não teve como objetivo apenas propor as melhorias necessárias exigidas pelas novas legislações, mas propor uma intervenção de forma a recriar o significado que esta edificação tem para a cidade.

A intenção da proposta de intervenção do museu firma com a importância que esta instituição têm para a sociedade. O museu, não é apenas um depósito de memórias vividas, ele é um elemento que estimula as relações interpessoais com o compartilhamento da memória, levando a uma sociedade mais cidadã e comprometida com o bem público.

“Ao proteger os bens culturais de uma sociedade, visa-se na realidade preservar-lhe a identidade cultural, pois, ao perder ou ver alteradas expressivas manifestações arquiteturais e paisagísticas, o indivíduo perde também os referenciais que permitem sua identificação com a cidade em que vive, em especial quando tecidos antigos são arrasados e novos objetos urbanos passam a compor a paisagem, com maciças alterações na escala do lugar.” (LIMA, 2005, p.1)

A situação do museu hoje é justamente essa, o tecido urbano que contextualizava a edificação histórica foi muito alterado na questão da escala fazendo com que sua imagem ficasse fragilizada em relação à nova paisagem.

A proposta de um anexo de apoio ao museu tem como idéia principal a valorização deste espaço cultural, proporcionando melhor aproveitamento do local e resguardando a memória cultural da formação da cidade.

04 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Propor uma requalificação no espaço do Museu Histórico e Geográfico Augusto Casagrande através da implantação de novas edificações respeitando e valorizando o patrimônio histórico existente.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o recorte onde o museu está inserido nos âmbitos histórico, urbanístico, arquitetônico e paisagístico com a finalidade de reconstruir as relações entre edificação e malha urbana;
- Analisar referenciais arquitetônicos de instituições museológicas que receberam algum tipo de intervenção ou requalificação a fim de entender como intervir em um patrimônio histórico;
- Estudar fluxos, acessos, setorizações, condicionantes físicos e legais, para desenvolver projeto de edificações anexas para suprir as necessidades de infra-estrutura, de administração, apoio e de exposições;
- Desenvolver uma linguagem paisagística que relacione o projeto proposto com o patrimônio arquitetônico existente a fim de valorizar a relação entre eles e com o entorno;

Criciúma foi fundada inicialmente por colonizadores italianos provenientes da região de Vêneto - nordeste da Itália - no ano de 1880. Eram um total de 22 famílias, dentre elas estava a família Casagrande. Esses imigrantes, apesar de encontrarem inúmeras dificuldades, foram responsáveis por desbravar a região, construindo casas, estradas e escolas e tendo no princípio a agricultura como principal atividade econômica.

Em 1913, tem início o ciclo do carvão, com a descoberta das primeiras jazidas do minério. Este fato foi o grande propulsor do desenvolvimento econômico do município, gerando empregos e atraindo investimentos, tendo seu auge entre as décadas de 1940 a 1970.



Figura 8 - Localização de Santa Catarina
Fonte: Wikipedia
adaptado pela autora



Figura 9 - Localização da Região Carbonífera no estado de SC
Fonte: Wikipedia
adaptado pela autora

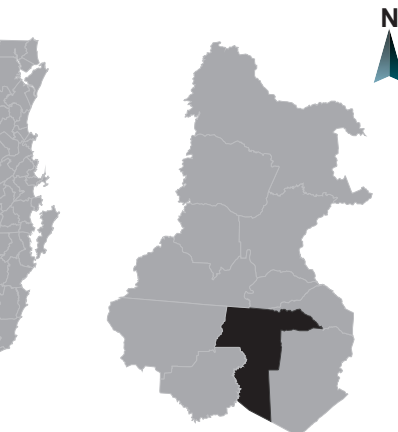


Figura 10 - Localização de Criciúma
Fonte: Governo do Estado de SC
adaptado pela autora

A construção do sobrado deu-se na década de 1920, sua arquitetura lembra em parte as construções no interior da Itália. Na época não haviam outras residências naquele local, por isso o prédio ficou conhecido como "casarão". Percebe-se por registros fotográficos (figs. 11 e 12) que a posição do sobrado foi escolhida estrategicamente para se ter o visual da região central da cidade e por se localizar mais elevado em relação ao centro.

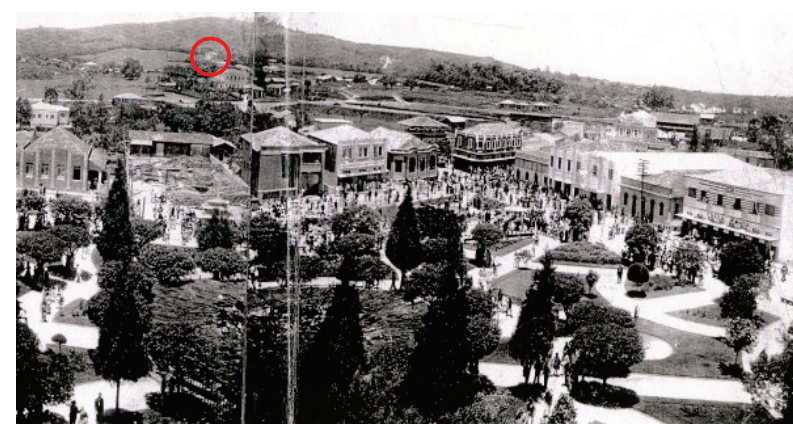
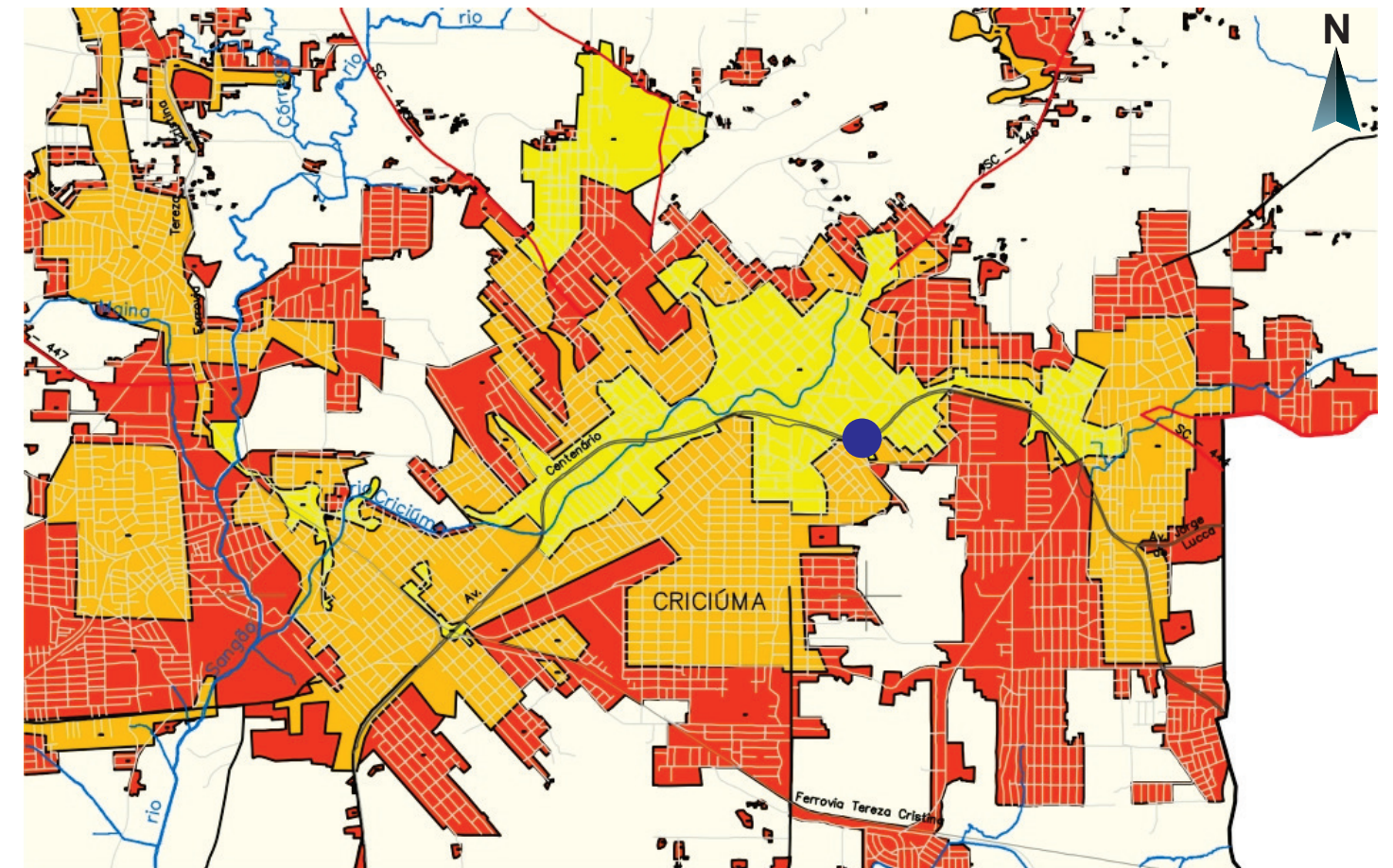


Figura 11 - Praça Nereu Ramos, sem data com casarão ao fundo.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez



Figura 12 - Rua João Pessoa na Praça Nereu Ramos, década de 50 com casarão ao fundo.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez

Na década de 70, a cidade teve um desenvolvimento econômico grande e o que fez parte disto foi o projeto político da administração pública daquele período. Um plano diretor foi criado que citava diretrizes para o desenvolvimento industrial de Criciúma. Com este novo plano, a região do sobrado Casagrande teve um grande incentivo à urbanização como mostra a região em laranja na figura 13.



- Urbanização até 1957
- Urbanização até 1978
- Urbanização até 2001
- Localização do Museu A.C.

Figura 13 - Mapa da evolução urbana de Criciúma
Fonte: IPAT - UNESCO, 2007

O aspecto urbano da cidade sofreu significativas mudanças, entretanto não houveram legislações suficientes para fazer com que este crescimento fosse ordenado. O bairro Comerciário foi considerado o bairro mais populoso de Santa Catarina, segundo o IBGE de 2008 compreendendo 17.000 moradores em uma área pequena. Uma das únicas edificações que sobreviveu com todas estas transformações foi o sobrado Casagrande, então museu e única edificação tombada da região. Consequentemente, nos deparamos com uma diferença berrante de linguagem arquitetônica e de escala quando o avistamos, hoje, totalmente desconexo com a atual malha urbana e com seu entorno (fig. 14).

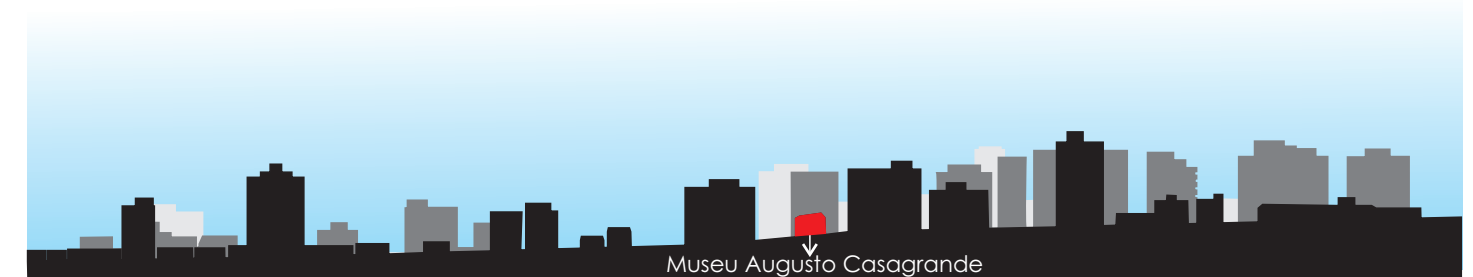


Figura 14 - Skyline
Fonte: Autoria própria

06O MUSEU

Em 1978, Joacy Casagrande doa o antigo casarão (construído na década de 20) que pertencera a seu Avô Augusto Casagrande, à Prefeitura Municipal de Criciúma. Ao fazer a doação duas condições foram impostas pela família, a primeira era que a prefeitura restaurasse a casa até dezembro de 1979, a segunda que o mesmo se destinasse a um Museu.

No ano de 1979, o arquiteto Manoel Coelho, que projetou o Paço Municipal de Criciúma e fez o paisagismo de algumas praças para a cidade, restaurou o casarão para ser transformado em museu. Suas características foram mantidas como as originais, entretanto, não é possível diferenciar o que foi reconstruído do que já era existente (fig. 17).

Esse foi inaugurado então no ano de 1980 durante as comemorações alusivas do centenário da colonização de Criciúma.

“Ao se pronunciar durante o ato de inauguração do Museu da Colonização, Dr. Joacy Casagrande disse que “gostaria de enfatizar e de deixar bem explicito à todos, que este Museu não procura enaltecer somente a cultura italiana, mas pelo contrário, procura exaltar todos os cinco grupos étnicos que irmanados constituíram-se no sustentáculo e no alicerce de nosso desenvolvimento”

(Jornal do Sul - 12/01/80)
 Fonte: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez

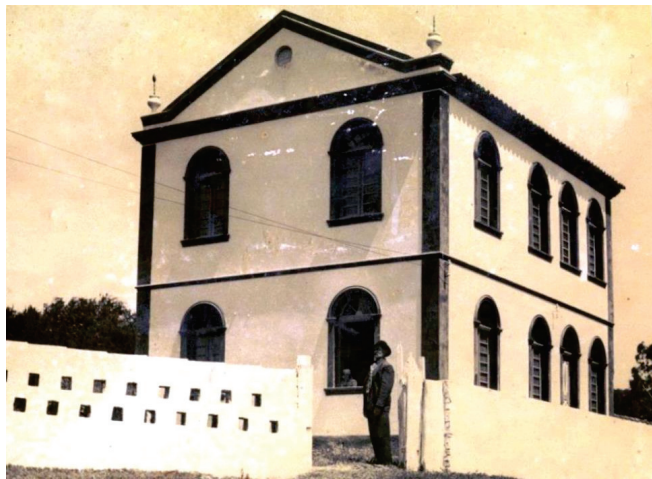


Figura 15 - Residência de Augusto Casagrande na década de 30
 Fonte: Arquivo Histórico Pedro Milanez



Figura 16 - Casarão abandonado na década de 70
 Fonte: Arquivo Histórico Pedro Milanez



Figura 17 - Casarão durante a sua restauração - 1979
 Fonte: Arquivo Histórico Pedro Milanez



Figura 18 - Museu revitalizado - década de 80
 Fonte: Arquivo Histórico Pedro Milanez

07A PRAÇA DO MUSEU

O lote da residência de Augusto Casagrande era um lote colonial, que media 32 hectares. Com a evolução urbana da cidade o lote foi sendo desmembrado dando origens à lotes menores. O que restou foi o próprio lote da residência.

Juntamente com a restauração da edificação foi fechada uma rua lindeira (fig. 19) ao lote da mesma para ser transformada em praça, que ficou conhecida como 'praça do museu' (fig. 20).

A praça de um lado possui mobiliário urbano como bancos, floreiras, lixeiras e um playground mas tem um baixo fluxo de pessoas. Do outro lado ela serve como acesso de veículos para os edifícios vizinhos.



Figura 19 - Rua do museu da década de 70
 Fonte: Arquivo Histórico Pedro Milanez



Figura 20 - Praça Abelle Colle
 Fonte: Acervo Pessoal



Figura 21 - Playground na praça
 Fonte: Acervo Pessoal



Figura 22 - Playground próximo ao acesso de automóveis
 Fonte: Acervo Pessoal

O bairro Comerciário se configurou ao longo do tempo como uma “extensão do Centro”, sob influência do Anel Viário Central que direciona os fluxos no centro da cidade. Este bairro se configurou como bairro residencial com uma alta densidade devido à procura e a localização próxima ao Centro. Nas ruas coletoras ele apresenta usos mistos de serviço e comércio. Possui um atrativo importante para a cidade que é o Estádio Heriberto Hülse, que faz com que haja uma superocupação das vias próximas por automóveis e pessoas em dias de jogos. Em contraponto com sua alta densidade, ele também possui parte do Morro do Céu - Área de Preservação Permanente - sem ocupação. O Museu Augusto Casagrande encontra-se próximo ao Anel Viário Central, à Avenida Centenário e ao terminal de ônibus central.

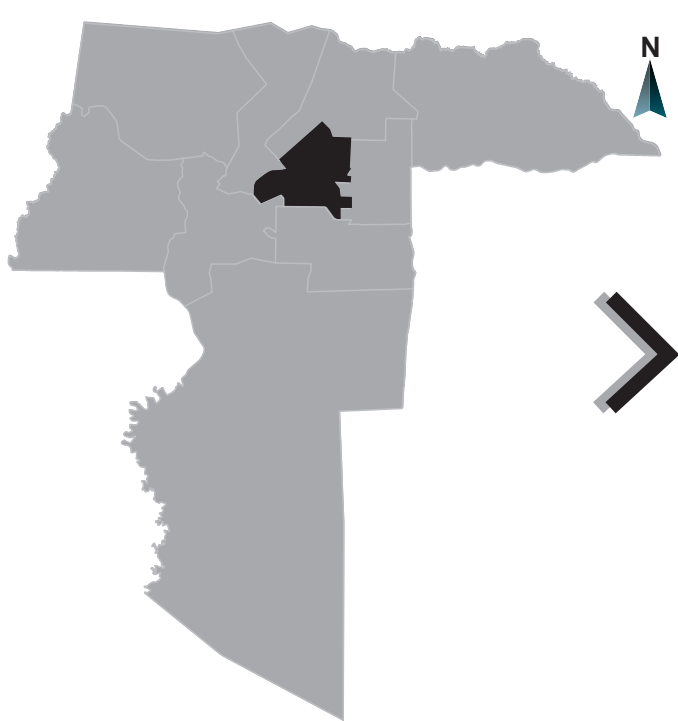
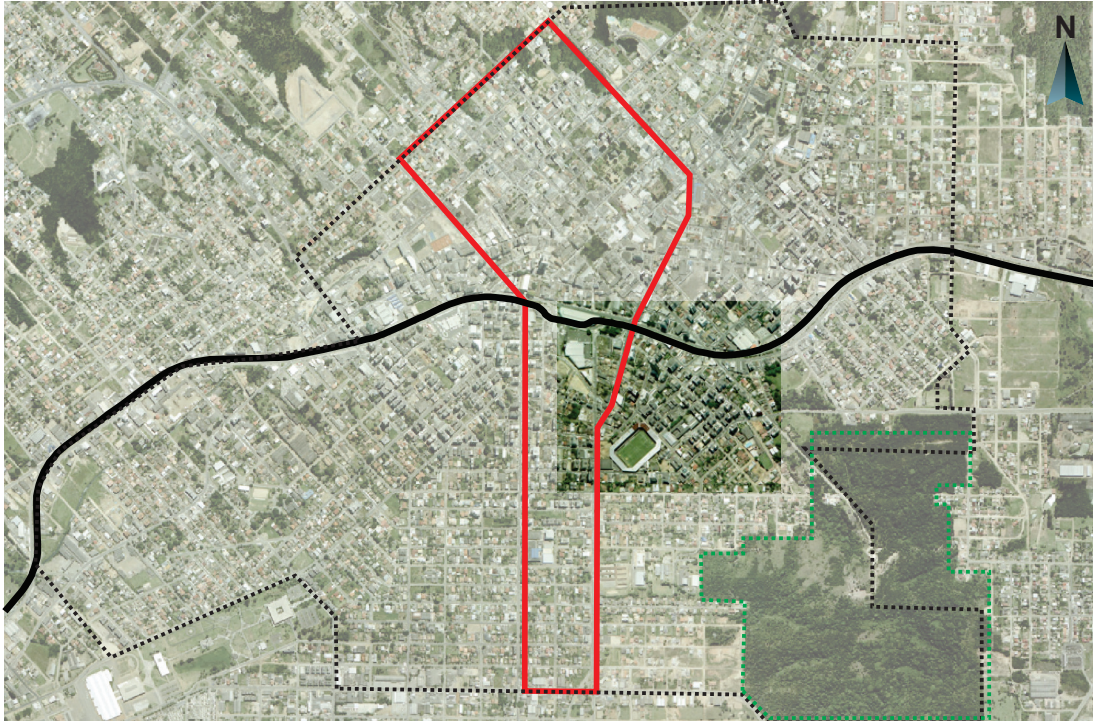


Figura 23 - Mapa da divisão política de Criciúma
Destaque para a região central.
Fonte: IPAT - UNESCO, 2007 - adaptado pela autora



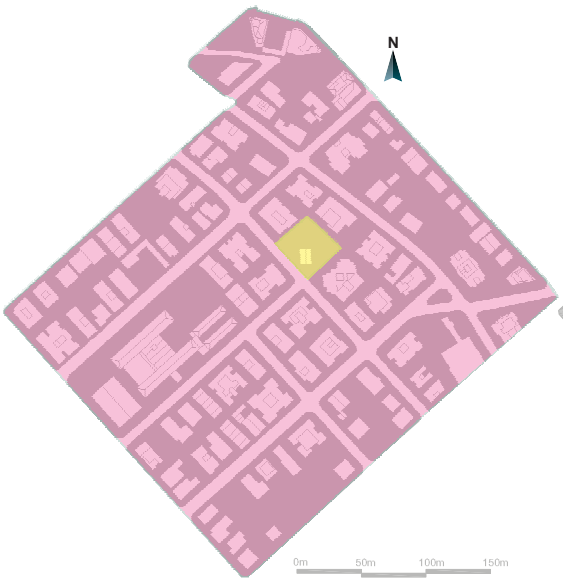
— Avenida Centenário
— Anel Viário Central
..... Região Central de Criciúma
..... APA - Morro do Céu
Figura 24 - Mapa esquemático da região central de Criciúma
Fonte: Google Earth - adaptado pela autora



Estádio Heriberto Hülse
Terminal Central de Ônibus
Museu Augusto Casagrande
Figura 25 - Mapa esquemático do bairro Comerciário
Fonte: Google Earth - adaptado pela autora



Figura 26 - Mapa de Circulação de veículos
Fonte: da autora



— Zona Residencial 3-8 pvtos -Alta Densidade
— Zona Especial de Interesse Histórico Cultural
Figura 27 - Mapa de zoneamento - Plano Diretor 2012
Fonte: Prefeitura Municipal de Criciúma adaptado pela autora.

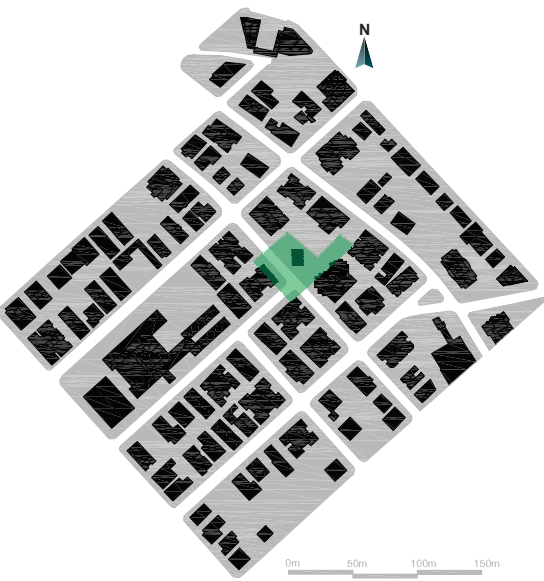


Figura 28 - Mapa de cheios e vazios
Fonte: da autora.

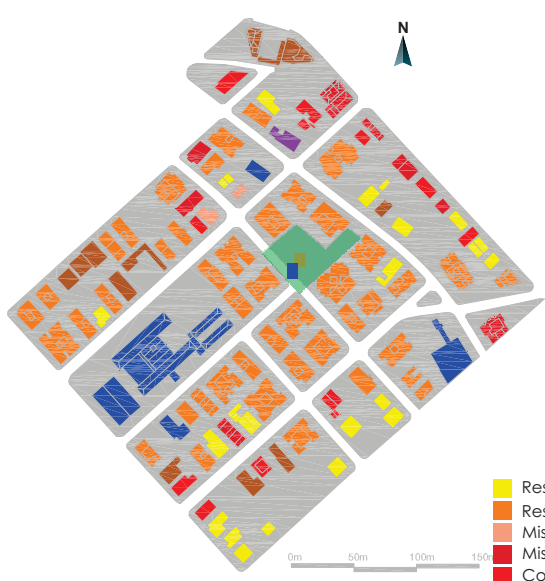


Figura 29 - Mapa de usos do solo
Fonte: IPAT - UNESCO, 2007 adaptado pela autora.



Figura 30 - Mapa de gabaritos
Fonte: IPAT - UNESCO, 2007 adaptado pela autora.

PLANTA DE SITUAÇÃO



Figura 31 - Planta de situação atual
Fonte: Prefeitura Municipal de Criciúma e IPAT - adaptado pela autora

O Acesso principal se dá pela escadaria na rua Cecília Darós Casagrande. A casa possui uma porta de fundos, que dá direto para uma sala de exposições e que não é utilizada. O museu não possui estacionamento, mas é possível estacionar nas ruas do entorno. A falta de acessibilidade universal é o principal problema para atender a população em geral.

ELEVAÇÕES

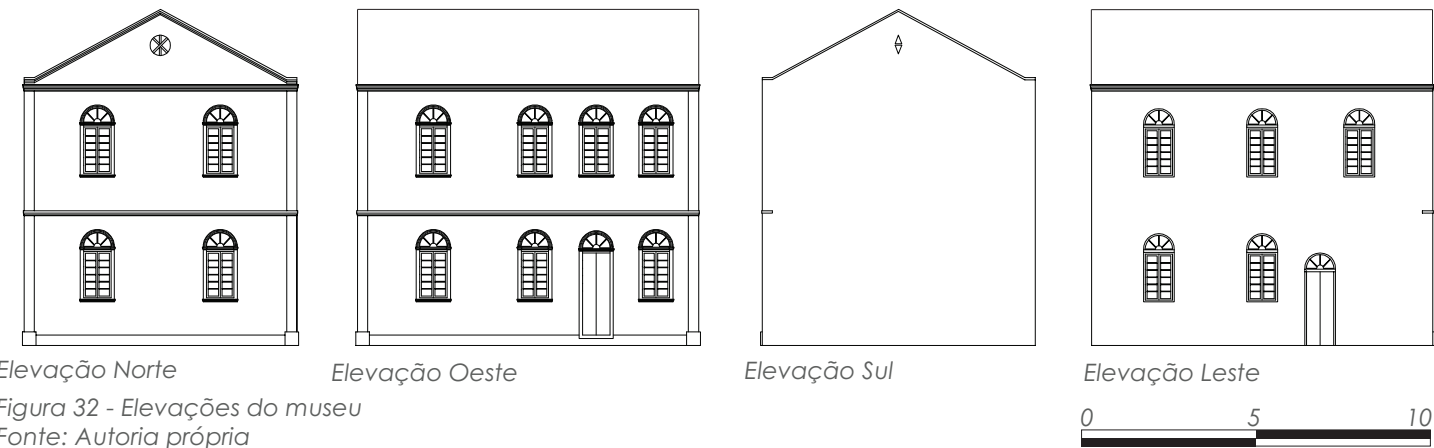


Figura 32 - Elevações do museu
Fonte: Autoria própria

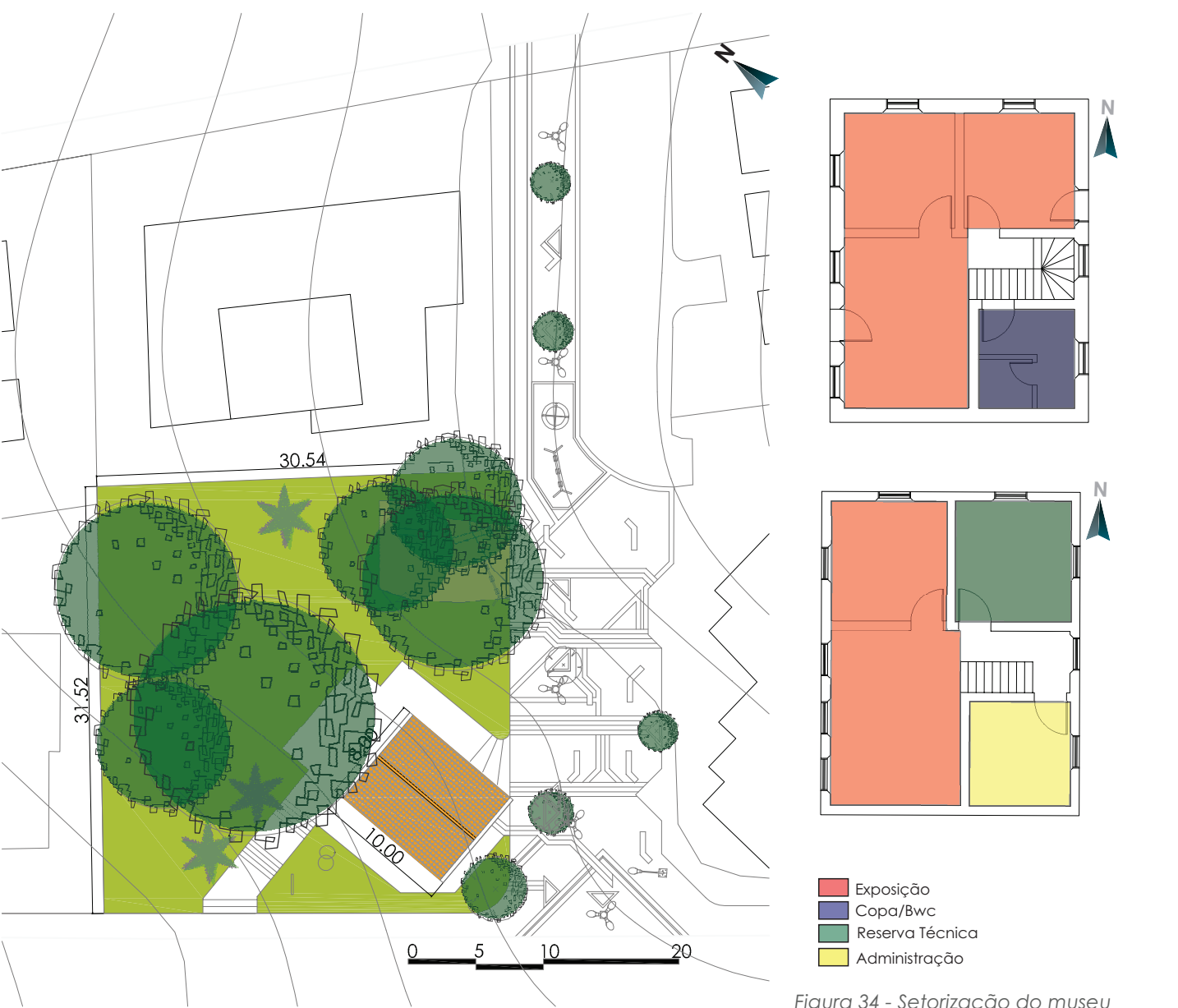


Figura 33 - Implantação situação atual
Fonte: Prefeitura Municipal de Criciúma
Adaptado pela autora.

TOPOGRAFIA

Pelo mapa topográfico é possível perceber que o Morro do Céu é um elemento estruturador do relevo da região e, conseqüentemente, da hidrografia local. O museu encontra-se em uma área intermediária de declividade onde as águas pluviais escoam do Morro do Céu para o sentido do Centro.

FUNCIONAMENTO

Todas as funções do museu acontecem nas dependências do patrimônio arquitetônico, desde a exposição do acervo, até a sala de administração, a reserva técnica onde são guardadas e higienizadas algumas peças e a copa e banheiro que foram adaptados para atender os funcionários e visitantes.

Figura 34 - Setorização do museu
Fonte: Prefeitura Municipal de Criciúma
Adaptado pela autora.

09 RECORTE DE ESTUDO

O partido deste trabalho foi de manter o caráter de praça e espaço público existente, pois se trata de uma área com poucos espaços de lazer, para isso a intervenção maior de ampliação foi proposta no subsolo.

As edificações que ocupam o lote do museu também foram pensadas de forma a não obstruir eixos visuais importantes para o patrimônio histórico tanto de quem está no nível do pedestre quando dos moradores das edificações lindeiras, por meio das angulações escolhidas e dos terraços jardins que mantém o caráter da praça.

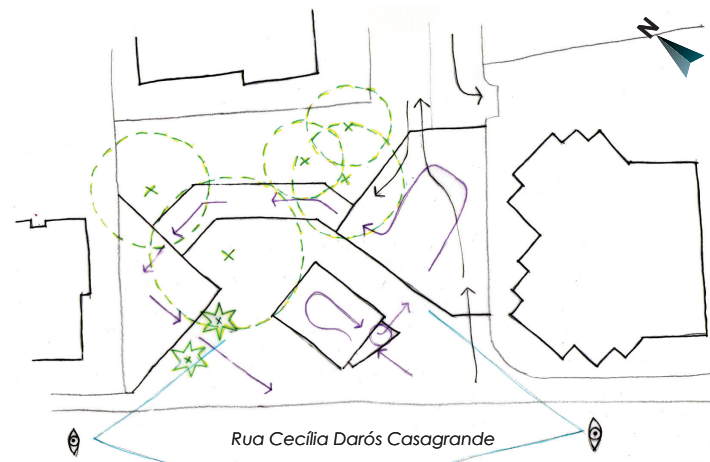


Figura 35 - Estudo de implantação e fluxos
Fonte: Autoria própria

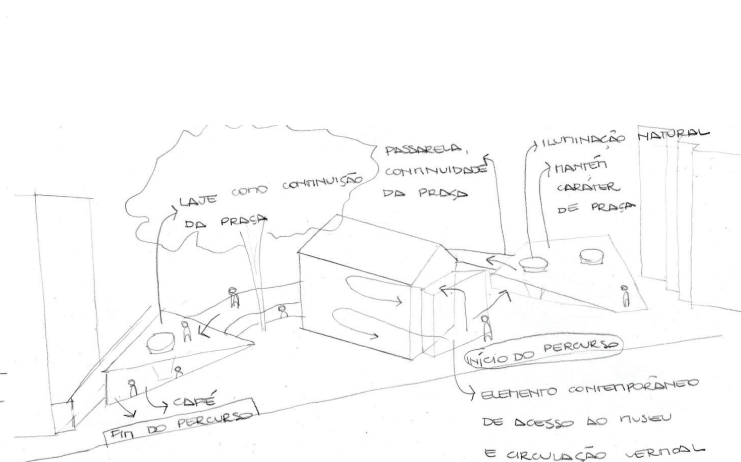


Figura 36 - Croqui geral
Fonte: Autoria própria

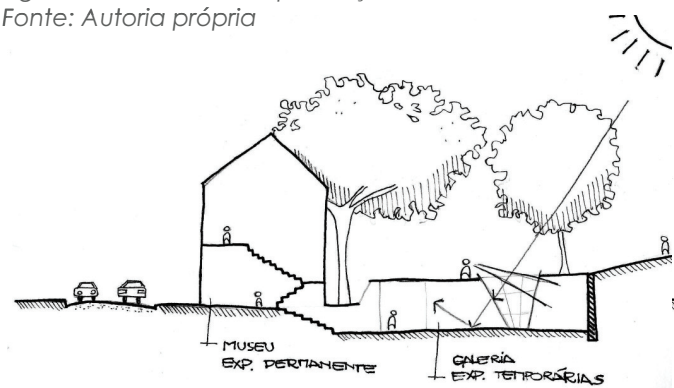


Figura 37 - Corte Esquemático - Museu e galeria
Fonte: Autoria própria

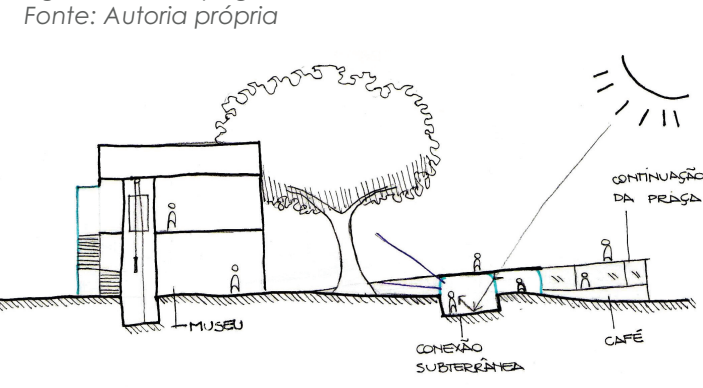


Figura 38 - Corte Esquemático - Museu e café
Fonte: Autoria própria

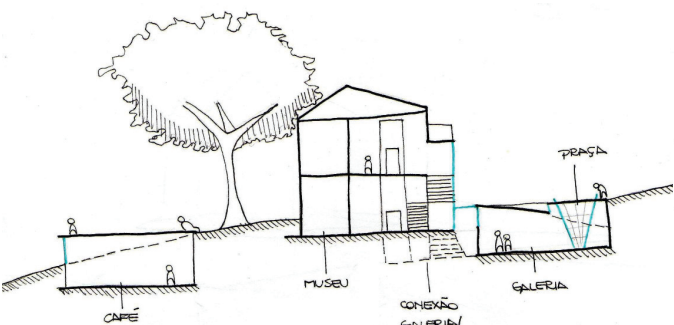


Figura 39 - Corte Esquemático - Café, museu e galeria
Fonte: Autoria própria

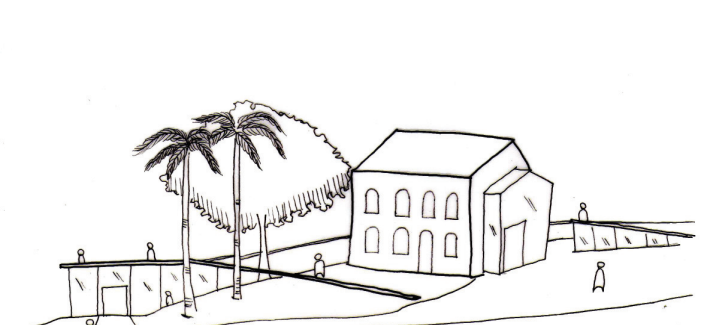


Figura 40 - Croqui - Vista Rua Cecília Darós Casagrande
Fonte: Autoria própria

DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO

- Preservar o perfil natural do terreno, assim como a vegetação existente e o patrimônio arquitetônico;
- Eliminar o "limite" entre lote e praça trabalhando o espaço em conjunto;
- Manter a edificação patrimonial exclusivamente para recepção dos visitantes e exposições;
- Propor anexos à edificação existente para suporte às atividades técnicas, administrativas educativas e de exposição;
- Trabalhar com o subsolo da praça com o intuito de manter o significado de praça no nível térreo, utilizando o nível inferior para um espaço multifuncional de caráter expositivo, científico e cultural;
- Propor um elemento junto à fachada do museu, para servir de circulação vertical e ligação com a parte subterrânea;
- Utilizar uma linguagem arquitetônica contemporânea e com materiais que possibilitem distinguir a intervenção nova da edificação antiga de acordo com as teorias da restauração de Césaire Brandi;
- Pensar em todos os espaços com acessibilidade universal.

ÁREA DE INTERVENÇÃO

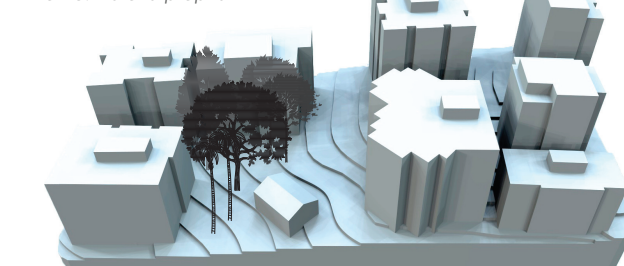


Figura 42 - Área de intervenção
Fonte: Autoria própria

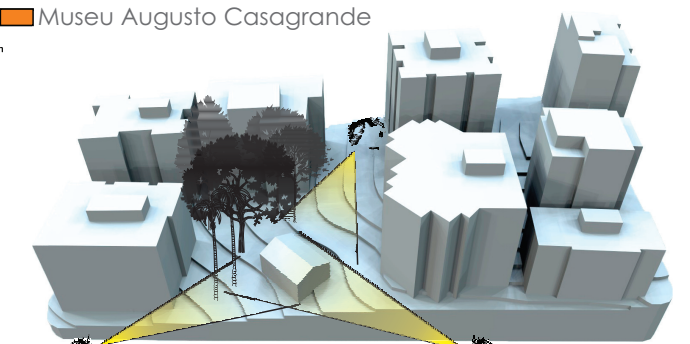


Figura 43 - Visuais condicionantes das edificações
Fonte: Autoria própria

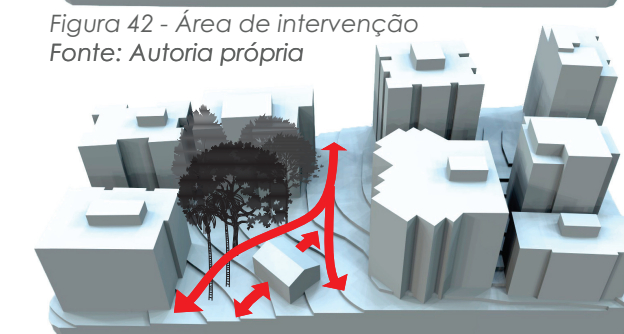


Figura 44 - Fluxos de pedestres desejado
Fonte: Autoria própria

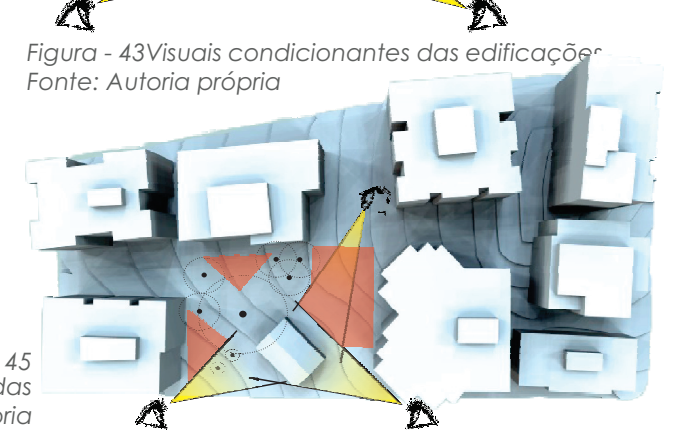


Figura 45 - Áreas a serem trabalhadas
Fonte: Autoria própria